

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Berantim Class.: 117

Data: 09/03 Pg.: 12

PESSOAS & CONFLITOS

Jagunço mata Maxakali com duas facadas

Pouco antes do Dia do Índio, em abril último, a Funai patrocinou um "acordo de paz" entre os fazendeiros e os índios Maxakali, que vivem nas imediações de Bertópolis, MG. Apesar do pretenso "acordo", as atrocidades continuaram a acontecer nas proximidades da reserva. E, no dia 10 de julho, o "acordo" foi rompido pelo vaqueiro "José Rolinha", que trabalha para o fazendeiro Laurindo — um daqueles com quem os Maxakali têm litígio por ocupação ilegal de terras indígenas.

Alcides Maxakali regressava à aldeia, vindo de Medeiros Neto, no sul da Bahia com sua esposa Jovita e outros índios quando foi abordado por "José Rolinha" e outros dois vaqueiros. Após esfa-

quear Alcides, duas vezes, "José Rolinha" espancou violentamente Jovita e os outros índios. A mulher, traumatizada e com o corpo coberto de escoriações, deu as primeiras informações que levaram à prisão dos dois vaqueiros.

"José Rolinha" continua foragido e os fazendeiros da região começaram uma campanha para inocentá-lo, espalhando a mentira de que Alcides foi morto numa briga entre os índios. Esta é a mesma versão que os fazendeiros divulgaram quando o índio Valdomiro Maxakali foi assassinado no dia 16 de julho do ano passado. Até hoje o assassino de Valdomiro continua impune, por isso o Cimi-Regional Leste, a Comissão Justiça e Paz da Diocese de Teófilo Otoni, a Paróquia São Sebas-

tião, do município de Machacalis, e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bertópolis, que firmaram a nota denunciando o assassinato, manifestaram preocupação com a campanha que já se faz na região para inocentar o criminoso.

Segundo o Cimi-Leste, os Maxakali, revoltados com mais este assassinato, querem também a saída dos funcionários da Funai que estão na área. Estes funcionários introduziram uma fantasiosa "moeda interna", nas aldeias, e montaram um Plano de Desenvolvimento Integrado que, além do repúdio do povo Maxakali, tem merecido as mais duras críticas de antropólogos competentes, como, por exemplo, João Pacheco de Oliveira Filho.